

## Amazônia: a busca do *eldorado*

A origem da lenda do *eldorado* é indígena. Os viajantes europeus a interpretaram livremente e passaram a acreditar que havia um local na Amazônia onde o ouro era farto. Segundo a lenda, no coração da floresta amazônica reluzia uma cidade com prédios e telhados dourados, habitada pelos índios Manoa, que tomavam banho de ouro em pó às margens do lago Parima, ou lago Douro. Essas lendas só serviram para alimentar a sanha dos viajantes e ceifar muitas vidas, inclusive dos indígenas, caçados pela floresta para servirem de carregadores e remadores, na busca do *eldorado*.

Hoje, sabemos que o *eldorado* era uma metáfora que representava toda a riqueza e diversidade da Amazônia, pois, no século XVI, a região também era conhecida como “terra da canela”. Acreditavam os viajantes, obviamente com objetivos mercantilistas, que especiarias e drogas apreciadas na Europa seriam facilmente recolhidas na floresta. De fato, a canela e as drogas eram abundantes, porém esparsas, floresta adentro. Certamente, os viajantes achavam que iriam encontrá-las agrupadas ou próximas às margens do grande rio. Daí a corrida pela conquista do território, o *eldorado* das especiarias.

A curiosidade em relação a outros lugares e povos sempre impulsionou o homem em busca de sensações que são despertadas diante de uma natureza desconhecida. A literatura nos fornece exemplos de várias narrativas que alimentaram essa busca ao desconhecido e à aventura. Um dos mais famosos narradores foi Homero, cujo nome associamos à narrativa épica *Odisséia* que é um relato sobre os dez anos de aventuras experimentadas por Ulisses, herói legendário da Grécia antiga, no esforço de retomar a Ítaca após a guerra de Troia.

Na Idade Média foram as narrativas do famoso viajante veneziano Marco Polo e suas aventuras no Oriente, mais precisamente na Ásia Central, que povoaram imensamente o imaginário do europeu pela incrível riqueza de detalhes e emoção. Foram as viagens de Marco Polo que estimularam o interesse europeu pelo Oriente e suas riquezas. Segundo Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*:

Às navegações comerciais dos venezianos, genoveses e catalães seguiam-se outras mais audaciosas, abrindo novos céus e terras. As lendas ainda romanas, das sonhadas ilhas de ouro e da prata, mudando de lugar como fogos-fátuos, atraíam sempre para longe outros povos marítimos. 'Andando más más si sabe', dizia Colombo. Os livros de Marco Polo e Mandeville<sup>22</sup> despertavam no ânimo dos aventureiros novas ambições de conquista, o amor ao mistério das regiões desconhecidas, a curiosidade do maravilhoso, o reaparecimento do espírito das cruzadas (Prado, 2006, p. 9-10).

A literatura dos séculos XIV e XV é rica em descrição de viagens a ilhas paradisíacas, compostas de realidades ilusórias, às quais, a partir do século XVI, acrescentam-se os relatos fantásticos de viagem ao Mundo Novo, combinando mitologia greco-romana, herança judaico-cristã e alquimia com expectativas, aspirações ou ambições de enriquecimento fácil. Diante da natureza desconhecida, ao mesmo tempo, deslumbrante e aterradora, o viajante/narrador sofria de certa melancolia e do desejo de conservá-la intacta e compreendê-la, juntamente com o desejo de explorá-la, quer econômica, quer cientificamente. Ainda de acordo com Prado (2006):

A geografia fantástica do Brasil, como do restante da América, tem como fundamento, em grande parte, a narrativa que os conquistadores ouviram ou quiseram ouvir dos indígenas, e achou-se, além disso, contaminada, desde cedo, por determinados motivos que, sem grande exagero, se podem considerar arquetípicos. E foi por intermédio de tais motivos que se interpretaram e, muitas vezes, se “traduziram” os discursos dos naturais da terra (p. 83).

Os relatos dos viajantes que passaram pela Amazônia no início do século XVI têm em comum a descrição de imagens exóticas e fantásticas do Novo Mundo, fato que levaria à criação de diversas lendas sobre a região. Os mitos indígenas, recolhidos pelos exploradores, somaram-se às descrições de feras bestiais, povos chamados de primitivos e seres disformes que inauguram a tradição de se ver a Região Amazônica como um conjunto de exotismos, um conjunto de impossibilidades, na qual inexiste a realidade social, mas tão somente a lenda.

---

<sup>22</sup> Sir John Mandeville viajou entre 1357-3-1371 pelo Oriente. Publicou o *Livro das maravilhas do mundo* que, graças à sua tradução em várias línguas, tornou-se muito popular na época. Mesmo que a narrativa nunca tenha tido sua veracidade comprovada, inspirou amplamente a Cristóvão Colombo ao escrever seu diário sobre a descoberta da América.

Desse modo, com a disseminação do exotismo sobre a região difundiu-se a ideia de que nessa região não havia lugar para uma sociedade organizada, não existia cultura, senão barbárie, ao menos segundo a ótica da cultura europeia de então. A partir desse pressuposto foi dada a senha para o início da “guerra justa” que dizimou as populações indígenas do vale amazônico em nome do Rei, da fé e da lei, fazendo com que os verdadeiros habitantes da terra se evadissem cada vez mais para o interior da floresta.

Para ilustrar esse pensamento, Neide Gondim recorre às palavras de La Condamine:

A insensibilidade [dos índios] é fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome da apatia, ou se lhe devemos dar o apodo de estupidez. Ela nasce do número limitado de suas ideias, que não vão além de suas necessidades. Glutões até a voracidade [...] inimigos do trabalho, indiferentes a toda ambição e glória, honra ou reconhecimento; unicamente ocupados com as coisas do presente [...] incapazes de previdência e reflexão; entregues, quando nada os molesta, a brincadeiras pueris que manifestam por saltos e gargalhadas, sem objeto nem desígnio; passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados (La Condamine<sup>23</sup> apud Gondim, 2007, p.140).

Esforços não foram medidos para amansar e educar os silvícolas. Esses homens e mulheres, que não conheciam o trabalho escravo, passaram a sofrer castigos e torturas por ter a ousadia de se recusarem a desempenhar tarefas humilhantes para a natureza indígena. Darcy Ribeiro destaca que:

[...] as provações eram tão espantosas e terríveis, que para muitos índios era melhor morrer do que viver. [...] Os povos que ainda o puderam fazer fugiram mata adentro, horrorizados com o destino que lhes era oferecido no convívio dos brancos, seja na cristandade missionária, seja nas pecaminosas enfermidades que os iriam dizimando a eles e aos povos indenes de que se aproximassem (Ribeiro, 2007, p.38/39).

Já no século XVII, a Amazônia era uma verdadeira Babel linguística. Além das centenas de línguas indígenas, misturavam-se o castelhano, o francês, o holandês e o português. Nessa época os indígenas já não se aproximavam tão facilmente dos europeus, pois já sabiam das notícias trazidas por tribos, ou o que

---

<sup>23</sup> Charles-Marie de La Condamine (1701-1774) cientista e explorador francês. Foi o primeiro cientista a descer o curso do rio Amazonas (1743), publicando na Europa um conjunto de descrições da geografia, fauna e flora da bacia amazônica que em muito contribuíram para despertar o interesse da comunidade científica pelo seu estudo.

restava delas, o que se passava no litoral nordeste do Brasil. Foi assim que chegou à região um novo dialeto criado pelos jesuítas paulistas<sup>24</sup> – a língua brasílica, ou língua geral, ou tupinambá, ou simplesmente língua tupi. Essa variante linguística sofreu um processo de adaptação e é o que hoje conhecemos como nheengatu (forma amazônica do tupinambá ou tupi moderno). O nheengatu era a principal língua de contato na Amazônia. De fato, era a língua mais falada ao longo da bacia amazônica, inclusive em Belém. A história da tradução na Amazônia inicia-se com uma língua franca nativa, falada por todos, nativos, estrangeiros e colonizadores. Muitos vocábulos do nheengatu permaneceram e foram incorporados ao léxico do português do Brasil<sup>25</sup>, em especial na Região Amazônica.

Os séculos XVIII e XIX, diferentemente dos séculos anteriores, são marcados pelo racionalismo e pela forte reação às crenças religiosas e às imagens do maravilhoso e do exótico. Com o avanço da ciência e das técnicas comerciais na Europa e na América do Norte, especialmente com a revolução industrial e ampliação da navegação a vapor, as viagens perdem a característica exploratória e extrativista e passam a ter um caráter científico e econômico, de acordo com a nova ordem mundial. Desse modo, a literatura científica sobre o Novo Mundo cresce substancialmente. É nesse prisma que Toledo Machado (2000, p.281), ao resenhar a obra *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação* (1999) de Mary Louise Pratt, afirma que “os viajantes europeus, a partir de 1750, criaram um novo campo discursivo, forjando uma consciência planetária a respeito do outro colonial e suas culturas”.

Essas novas concepções também vão influenciar a literatura na Europa romântica. Entretanto, os elementos do Romantismo se fazem presentes numa literatura de retorno à natureza geralmente situada em áreas distantes, dirigida quase sempre para um público fixo (de não-viajantes) ávido por compartilhar com

---

<sup>24</sup> A nossa primeira gramática: *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brazil* (1595), do jesuíta José de Anchieta (1534-1597). Essa língua é o tupinambá (tupi antigo), falado no século XVI por tribos que viviam no litoral brasileiro, mesclada com a língua portuguesa que vem a ser chamada de língua brasílica. É um dos primeiros documentos sobre as línguas do Novo Mundo, precedido apenas, na América do Sul, pela gramática (de 1560) do quechua, principal língua dos povos indígenas dos Andes, herdada dos incas. Toda a catequese indígena era feita por meio da língua geral e nheengatu, portanto, podemos dizer que os missionários católicos do novo mundo foram os primeiros tradutores da língua escrita no Brasil.

<sup>25</sup> Alguns desses vocábulos foram indiretamente incorporados ao léxico do português e do francês por meio da obra *A selva* (1930) do escritor lusitano Ferreira de Castro, que foi traduzida (*Forêt Vierge* - 1938) para a língua francesa por Blaise Cendrars.

os autores visões idealistas ou utópicas e sensações novas, porém sempre segundo uma ótica etnocêntrica. Menos para os Estados Unidos. Nossos vizinhos do norte, em pleno crescimento industrial e científico, inventores e seguidores da máxima “tempo é dinheiro”, olhavam para o Brasil com desdém. Pessoas como o jovem auxiliar William James<sup>26</sup>, que não se furtava a comparar a eficiência norte-americana com a precária infra-estrutura amazônica.

*River Solimoes (Amazon), Sept. 12-15, 1865.*

I am beginning to get impatient with the Brazilian sleepiness and ignorance. These Indians are particularly exasperating by their laziness and stolidity. It would be amusing if it were not so infuriating to see how impossible it is to make one hurry, no matter how imminent the emergency. [...] I had no idea before of the real greatness of American energy. They wood up the steamer here for instance at the rate (accurately counted) of eight to twelve logs a minute. It takes them two and one-half hours to put in as much wood as would go in at home in less than fifteen minutes. Every note from home makes me proud of our country<sup>27</sup> (James, 1920, p. 66).

Na visão do estrangeiro temos, em essência, a polarização entre um mundo civilizado, o do europeu, do viajante; e o arcaico e exótico, do nativo da Amazônia. Concepções que marcam e fundamentam o discurso da natureza intocável, que vai desaguar diretamente no discurso contemporâneo da biodiversidade, da preservação e da ecologia, que privilegia os aspectos naturais em detrimento do humano.

---

<sup>26</sup> William James (1842-1910): irmão mais novo do escritor anglo-americano Henry James. Acompanhou o professor Louis Agassiz como assistente da expedição patrocinada pela Universidade de Harvard ao Amazonas em 1865/1866. O produto da expedição, na forma de inúmeros desenhos, animais e peixes empalhados, pode ser visto na parte dedicada à Amazônia no Museu de História Natural de Harvard. Após retornar aos Estados Unidos, formou-se em medicina e tornou-se um conhecido e respeitado filósofo e psicólogo.

<sup>27</sup> *Rio Solimões (Amazonas), Set. 15-12, 1865.*

Estou começando a ficar impaciente com a sonolência e a ignorância do brasileiro. Os índios são particularmente exasperantes com sua preguiça e imobilidade. Seria engraçado se não fosse tão enfurecedor – é impossível ver alguém apressar-se, não importando o quão eminente seja a emergência. [...] Antes, eu não tinha ideia de como é grande a energia americana. Aqui, por exemplo, eles abastecem a caldeira com lenha (conferi minuciosamente) em uma frequência de oito a doze toras de madeira por minuto. O que levaria cerca de quinze minutos lá em casa, aqui levam duas horas e meia para abastecer a mesma caldeira. Cada notícia que recebo de casa me deixa mais orgulhoso de meu país.

### 3.1

#### **O eldorado estrangeiro: a Amazônia europeia**

Consideramos que a carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel I, comunicando oficialmente o ‘achamento’ do Brasil, é o documento de batismo da futura nação, mas só de uma parte dela. Na realidade, existe outro registro que revela outro Brasil que de início foi conhecido por “terra das amazonas”.

No caso da Amazônia, podemos considerar que a “certidão de batismo” para a história escrita é o relato do Frei Gaspar de Carvalhal, escriba da expedição de Francisco Orellana (1540-1542). Essa expedição partiu do Oceano Pacífico, da parte espanhola (Quito – Peru) do que hoje conhecemos como América Latina até atingir o Oceano Atlântico na altura da futura cidade de Belém, no estado do Pará. Foi Orellana quem batizou o gigantesco rio, primeiramente de Mar Dulce e depois de Rio de las Amazonas.

Não devemos deixar de mencionar que, no princípio, a futura grande Região Amazônica foi explorada, nomeada e cobijada pelos espanhóis. Só em 1616, a coroa portuguesa, depois de sofrer invasões de espanhóis, franceses, ingleses e holandeses<sup>28</sup>, decide ocupar e expandir o território com a fundação da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará e da Fortaleza São José, hoje Macapá. Com esse procedimento, os portugueses fecham a entrada da Amazônia pelos dois lados do grande delta do Rio Amazonas. A preocupação dos portugueses tinha fundamento, pois D. Aleixo Costa, alarmado com a presença dos estrangeiros, assim escreve ao Governador Geral da colônia Gaspar de Souza:

[...] e que entre eles achou um holandês que tem consigo, do qual soube, e de outro francês como o deixara havia dois anos, uma nau que aí fora para efeito de aprender a língua e que esperava em maio passado quinze naus holandesas que haviam de vir fazer fortaleza e povoar aquele rio; e que estando o navio que enviou para partir, soubera por via dos gentios como pelo rio acima, cento e vinte léguas da nossa fortaleza estava uma colônia de ingleses com mulher e filhos; e da banda do norte uma casa forte e povoação em que residiam holandeses que tinham já feito engenhos de açúcar, [...] Lisboa, 4 de setembro de 1616 (Sarney & Costa, 2004, p.60-62).

---

<sup>28</sup> A herança dessas tentativas de ocupação é a existência das três Guianas: a Guiana (antiga colônia inglesa), a Guiana Francesa e o Suriname (antiga colônia holandesa) que se localizam no norte da América do Sul.

Hoje, o nome da região já está tão cristalizado que muitos desavisados pensam que a palavra “Amazônia” é indígena. Porém, sabemos que sua origem é da mitologia grega em referência às “mulheres muito alvas, muito altas e com cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça” que foram “avistadas” pelo escriba da expedição ao longo das margens do grande rio (Carvalho apud Gondim, 2007, p. 104).

Nesse momento, cabe informar que não temos a pretensão de traçar uma historiografia da abundante literatura de temática amazônica. Temos apenas o objetivo de apresentar um resumo dos principais formadores e idealizadores do imaginário amazônico ao longo dos séculos e que influenciaram na formação da imagem literária amazônica que nos chega até os dias de hoje.

Os relatos das viagens ao longo do vale do rio Amazonas são de três categorias: reconhecimento (século XVI), ocupação (séculos XVII – XVIII) e científica (XIX). Todas elas nos dão um histórico da região do ponto de vista do estrangeiro. Empregamos a palavra “estrangeiro” no sentido amplo, pois qualquer “visitante” era estranho àquela região que até o século XVI era habitada somente pelos índios, os verdadeiros amazônidas.

Seria muito exaustivo enumerar as diversas expedições que foram feitas ao longo de cinco séculos de conquista e ocupação da Amazônia. Por conseguinte, parafraseando Tzvetan Todorov (2003, p. 5), estabelecemos por conveniência uma unidade de tempo – o século XIX e o século XX (especialmente o período que conhecemos como apogeu e decadência da borracha). Estabelecemos também uma unidade de espaço – a Amazônia que compreende os estados do Pará e do Amazonas e, finalmente, uma unidade de ação – a percepção que os estrangeiros, principalmente os de língua inglesa, têm da região e o modo como essas ideias se refletem na produção amazônica de Elizabeth Bishop.

Também, restringimos nossa análise comparativa somente aos autores e cientistas que foram citados pela autora nas suas cartas e na bibliografia do livro *Brazil* (1962). Algumas das obras a seguir citadas estão na biblioteca de livros raros do Vassar College, instituição que abriga o espólio literário de Bishop.

- William H. Edwards (1846) – *A voyage up the River Amazon, with a residency at Pará*.
- Henry Bates (1848/1859) – *The naturalist on the river Amazons*.

- Alfred Wallace (1848/1852) – *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: with an account of the native tribes and observations on the climate, geology and natural history of the Amazon valley.*
- Louis Agassiz (1865) – *A journey in Brazil.*
- Herbert, H. Smith (1870) – *Brazil, the Amazons and the coast.*
- H. M. Tomlinson (1909-1910) – *The sea and the jungle.*

Para a história da Amazônia, o século XIX é considerado a era de ouro das expedições científicas, porém comumente o chamamos de período dos viajantes. Naquele tempo havia um sentimento em comum entre os cientistas que navegaram nos rios da Amazônia: a busca do conhecimento da fauna e da flora ainda desconhecidas e a aventura. O trabalho de campo realizado pelos viajantes/naturalistas de língua inglesa no século XIX não deve ser tomado como pesquisa antropológica. Esta só é iniciada no século XX, após o primeiro ciclo da exploração da borracha.

O método naturalista é um procedimento puramente descritivo, menos sistemático e baseado na observação direta da natureza e dos seres vivos que estão em interação com o ambiente. E, no que concerne às observações desses viajantes e naturalistas quanto aos relatos escritos sobre os povos indígenas com quem mantiveram algum contato, vale ressaltar que estes não chegam a constituir um estudo etnográfico, pois as evidências coletadas eram somente a descrição dos povoados, das cidades e da infraestrutura disponível para a realização das viagens e coletas na floresta. As palavras de assombro e ‘maravilhamento’ eram destinadas à natureza; aos outros aspectos eram reservadas somente as críticas. Essa concepção ainda persiste, como aponta Mary Louise Pratt:

Travel and travel writing would never be the same again. In the second half of the eighteenth century, whether or not an expedition was primarily scientific, or the traveler a scientist, natural history played a part in it. [...] Descriptions of flora and fauna were not in themselves new to travel writing. On the contrary, they had been conventional components of travel books since at least the sixteenth century. However, they were typically structured as appendices or formal digressions from the narrative. With the founding of the global classificatory project, on the other hand, the observing and cataloguing of nature itself became narratable. It could constitute a sequence of events, or even produce a plot. It could form the main storyline of an entire account. [...] This naturalist's narrative was to continue to



hold enormous ideological force throughout the nineteenth century, and remains very much with us today (Pratt, 1992, p.27-28).<sup>29</sup>

Por saberem do perigo das florestas, os naturalistas raramente se distanciavam dos rios e do relativo conforto dos povoados e vilas, e com as verbas das instituições científicas americanas e inglesas havia recursos suficientes para contratar caboclos, cujo trabalho tinha quatro utilidades: comandante dos indígenas que faziam o trabalho braçal, guia, intérprete e coletores dos espécimes que se localizavam floresta adentro.

A questão da falta de pesquisas sobre a Região Amazônica é constatada pelo baiano Inácio Acioli de Cerqueira e Silva, membro da Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria da Bahia em 1925, dizendo “da necessidade de atrair-se à Amazônia sábios botânicos e naturalistas que prescotassem de perto todas as suas produções”, pois os estudiosos que foram para a região “limitaram-se a viajar pelas belas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro em virtude das comodidades lá encontradas” (Tocantins, 1983, p.74).

Segundo Tocantins (1983), foi o livro do norte-americano William H. Edwards, publicado em 1847, que desempenhou o papel de guia turístico amazônico, “atraindo figuras do meio científico para o estudo *in loco* do vale amazônico”. Essa obra, que permanece inédita em tradução no Brasil, até os dias de hoje, traça uma simpática imagem da região, contendo inclusive ilustrações.

Promising indeed to lovers of the marvellous is that land, [...] where the mightiest of rivers roll majestically through primeval forests of boundless extent, concealing, yet bringing forth, the most beautiful and varied forms of animal and vegetable existence [...] where Amazonian women have repulsed, the unprincipled adventurer; and where Jesuit missionaries, and luckless traders, have fallen victims to cannibal Indians and epicurean anacondas. With a curiosity excited by such wonders, and heightened by the graphic illustrations in school Geographies, [...] visited Northern Brazil, and ascended the Amazon to a higher point than, to his knowledge, any American had ever before gone. As an

---

<sup>29</sup> As viagens e as narrativas de viagem jamais seriam as mesmas. Na segunda metade do século XVIII, fossem ou não primariamente científicas ou o viajante, um cientista, a história natural fazia parte delas. [...] As descrições da flora e da fauna não eram exatamente uma novidade nas narrativas de viagem. Elas já eram componentes adicionais nos livros de viagem desde o século XVI. Entretanto, essas descrições eram estruturadas com um apêndice ou como desvios formais da narrativa. Com o advento do sistema classificatório [a classificação das espécies de Lineu], por outro lado, a observação e a catalogação da natureza tornaram-se narráveis. Poderiam tornar-se uma sequência de eventos ou mesmo produzir um enredo ou mesmo compor a narrativa principal de todo o texto. [...] Esse modo naturalista de narrar continuaria como uma grande força ideológica por todo o século XIX, e permanece com essas características até os dias de hoje (Pratt, 1992, p.27-28).

amusement, and by way of compensation to himself for the absence of some of the monsters which did not meet his curious eye, he collected as many specimens in different departments of natural history as were in his power, at the same time chronicling the result of his observations, in the hope that they might not be unacceptable to the naturalist or to the general reader. [...] The country of the Amazon is the garden of the world, possessing every requisite for a vast population and an extended commerce. [...] New York, May, 1847<sup>30</sup> (Edwards, 1847, p. iii-iv).

A viagem de Edwards se restringiu ao estado do Pará. Navegou pelo rio Amazonas, partindo de Belém, até a altura da cidade de Santarém. Poucos estrangeiros aventuravam-se além, pois naquela época o futuro estado do Amazonas não existia e ainda era um território selvagem e inexplorado. Pela primeira vez um viajante norte-americano descreve o encontro das águas do rio Amazonas com o rio Tapajós.

Durante toda a viagem, Edwards descreve a paisagem, referindo-se constantemente às várias tribos indígenas espalhadas ao longo da margem, sempre relacionando suas impressões com as de outros viajantes dos séculos anteriores, relatando o processo de colonização português e observando a importância dos padres católicos no processo de pacificação dos índios. Como toda narrativa amazônica estrangeira, pouco se refere à população local, se restringindo aos brasileiros diretamente envolvidos ao longo da sua viagem, assim como os aspectos gerais dos três reinos (vegetal, animal e mineral) da região.

Ao longo da obra, observamos que o autor preocupa-se também com os aspectos econômicos, da potencialidade da região para investimentos externos, sempre sob o ângulo das necessidades da sua terra natal. Os maiores capítulos são sobre a cidade de Belém, desde a história da fundação até a situação urbana da época. Edwards descreveu as ruas de Belém, os edifícios públicos, as casas

---

<sup>30</sup> É realmente promissor para os que amam essa terra maravilhosa, [...] onde o mais poderoso dos rios flui majestosamente através de abundantes e extensas florestas primaverais, misterioso, porém avançando, as mais lindas e variadas formas de animais e vegetais existentes [...] onde as Amazonas expulsaram, o aventureiro sem princípios; e onde os missionários jesuítas, e comerciantes azarados caíram, vítimas de índios canibais e anacondas gigantescas. Com a sua curiosidade aguçada por tais maravilhas, aumentadas pelas ilustrações dos livros de geografia, [...] ele visitou o norte do Brasil e subiu o rio Amazonas até um ponto no qual, até onde ele sabia, jamais nenhum americano tinha ido antes. Como diversão, e como uma forma de compensação pela ausência de alguns monstros, não vistos por seus olhos curiosos, ele coletou quantos espécimes lhe foram possíveis, de diferentes áreas da história natural, enquanto relatava o resultado de suas observações, na esperança de que essas fossem úteis tanto para o naturalista quanto para o leitor em geral. [...] O país das Amazonas é o jardim do mundo, possuindo todos os requisitos para abrigar uma vasta população e um extenso comércio.

particulares, as rocinhas (casas de campo) que ficaram famosas devido aos relatos dos naturalistas que visitaram Belém e ficaram hospedados nesse tipo de moradia.

O etnólogo norte-americano foi uma importante testemunha da vida provincial amazônica na primeira metade do século XIX e as suas notas de viagem, lançadas em livro em 1847, despertaram a curiosidade dos jovens Henry Walter Bates e Alfred Russell Wallace, discípulo de Charles Darwin, em Londres. Sabiam os futuros cientistas que William H. Edwards correspondia-se com Darwin, o que já era uma informação positiva em relação ao livro do norte-americano.

Os dois ingleses não perderam tempo e já no ano de 1848, um ano depois da publicação de *A voyage up the River Amazon*, organizaram a expedição e partiram para a Amazônia. No prefácio de seu livro, Wallace (1889) dá um tom aventureiro aos motivos de sua viagem:

An earnest desire to visit a tropical country, to behold the luxuriance of animal and vegetable life said to exist there, and to see with my own eyes all those wonders which I had so much delighted to read of in the narratives of travellers, were the motives that induced me to break through the trammels of business and the ties of home, and start for "Some far land where endless summer reigns". My attention was directed to Para and the Amazon by Mr. Edwards's little book, "A Voyage up the Amazon," and I decided upon going there, both on account of its easiness of access and the little that was known of it compared with most other parts of South America<sup>31</sup> (Wallace, 1889, p.22).

A ida de Wallace e Bates à Amazônia e as informações sobre a vida natural amazônica complementam os estudos de outros pesquisadores do início do século XIX, como os botânicos bávaros Spix e Martius (1817-1820), a estada de oito anos do austríaco Johann Natterer (1827-1835), as buscas zoológicas dos franceses Francisco de Castelnau e Deville (1843-1847).

Essas foram as primeiras páginas de estudos científicos, pois nas narrativas dos séculos anteriores, com a honrosa exceção de Alexandre Rodrigues e sua *Viagem filosófica*, havia somente notas dos cronistas leigos ou religiosos, de

---

<sup>31</sup> Um genuíno desejo de visitar um país tropical, experimentar a luxuriante vida vegetal e animal que, dizia-se, existir ali; ver, com os meus próprios olhos, todas aquelas maravilhas, sobre as quais tive tanto prazer em ler, nas narrativas dos viajantes. Esses foram os motivos, que me induziram a libertar-me dos empecilhos que me atavam ao trabalho e à minha casa, e aventurar-me "por terras longínquas onde reinam os raios solares". Minha atenção voltou-se para o Pará e o Amazonas por efeito do pequeno livro de Mr. Edwards, *A Voyage up the Amazon*, e decidi-me a viajar para lá, por causa do fácil acesso e do pouco que se sabia sobre essa região, em relação a outros lugares da América do Sul.

alguns geógrafos e cartógrafos de passagem, e o breve relato de La Condamine que revelavam mais o interesse descritivo, sensacionalista, político, do que o científico.

Wallace e Bates são reconhecidos pela comunidade acadêmica brasileira como os que mais enriqueceram o estudo científico da natureza amazônica, e até hoje são amplamente estudados quando o assunto é a história da Amazônia. Ao lado de Alexander von Humboldt, são os que melhor descreveram a floresta tropical, a “hileia amazônica”. Wallace e Bates nos ‘brindaram’ com as mais corretas informações, estão entre os cientistas mais amigos da Amazônia do século XIX.

Tocantins (1983), assim se refere: “As notas escritas sobre as cidades que os hospedaram, sobre os sítios palmilhados na longa viagem, traduzem ao mesmo tempo informes honestos, o deleite, a surpresa agradável de itinerantes e a sisudez de cientistas” (p. 76). É admirável como Bates e Wallace se adaptaram aos costumes regionais, à vida nas pequenas cidades e às viagens desconfortáveis e inseguras nas canoas, aliás, características comuns a todos os viajantes daquela época.

What has struck me powerfully is the immeasurably greater diversity and interest of human character and social conditions in a single civilized nation, than in equatorial South America where three distinct races of man live together. The superiority of the bleak north to tropical regions however is only in their social aspect, for I hold to the opinion that although humanity can reach an advanced state of culture only by battling with the inclemencies of nature in high latitudes, it is under the equator alone that the perfect race of the future will attain to complete fruition of man's beautiful heritage, the earth<sup>32</sup> (Bates, 1863, p.417).

Nos onze anos que se demorou na Amazônia, Henry Bates reuniu 14.712 espécies zoológicas, das quais oito mil ainda eram ignoradas nos compêndios científicos. A notável coleção foi levada para Londres, mas as dívidas da longa viagem forçaram o proprietário a vendê-las para museus ingleses e colecionadores particulares. Anos depois, incentivado por colegas, Bates escreve *The naturalist*

---

<sup>32</sup> O que realmente me impressionou, foi a imensurável diversidade e o meu interesse pelo caráter humano e as condições sociais – tudo em uma única nação civilizada, localizada na América do Sul equatorial, na qual vivem juntas três raças. Porém, a superioridade do pálido norte em relação às regiões tropicais é somente no aspecto social. Pois, é minha opinião, que apesar de a humanidade ter logrado alcançar um avançado estado cultural, somente combatendo a inclemência da natureza nas altas latitudes, é somente abaixo do Equador, que a raça perfeita do futuro irá alcançar a completude e frutificar o belo patrimônio do homem – a terra.

*on the Amazon river*, uma obra espontânea e erudita e que mereceu elogios de Charles Darwin.

Alfred Wallace, aos 24 anos, já era professor do Collegiate School quando veio para a Amazônia. O principal objetivo do pesquisador, contemporâneo de Darwin, era a origem das espécies. Ele tinha interesse em pesquisar a fauna da Amazônia e de colher fatos que o auxiliassem na pesquisa sobre seleção natural. Durante os quatro anos que esteve no Brasil, fez grande coleta de plantas, animais e peças etnográficas, parcialmente perdidas no incêndio do “brigue” que o transportava para Londres. A aventura de Wallace quase acaba em tragédia. Escapou da morte vagando dez dias em pequeno bote nas ondas do Atlântico, a sofrer sede e fome, até que um veleiro o resgatou.

O livro *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* (1889) é interessante e movimentado, contendo informações sobre a botânica, a geografia e as populações das províncias amazônicas. Certamente o cientista queria que sua obra fosse lida por todos, não apenas pelos naturalistas. Por essa razão, procurava descrever a paisagem amazônica de forma fiel, porém sempre com um tom apaixonante, como no trecho seguinte:

The most striking features of the Amazon are its vast expanse of smooth water, generally from three to six miles wide; its pale yellowish-olive colour; the great beds of aquatic grass which line its shores, large masses of which are often detached, and form floating islands; the quantity of fruits and leaves and great trunks of trees which it carries down, and its level banks clad with lofty unbroken forest. [...] There is much animation, too, on this giant stream. Numerous flocks of parrots, and the great red and yellow macaws, fly across every morning and evening, uttering their hoarse cries. Many kinds of herons and rails frequent the marshes on its banks, [...] But perhaps the most characteristic birds of the Amazon are the gulls and terns, which are in great abundance: all night long their cries are heard over the sandbanks [...] and during the day they constantly attracted our attention by their habit of sitting in a row on a floating log, sometimes a dozen or twenty side by side, and going for miles down the stream as grave and motionless as if they were on some very important business<sup>33</sup> (Wallace, 1889, p.94).

---

<sup>33</sup> As mais impressionantes características do Amazonas são a vasta extensão de plácidas águas, geralmente de cinco a dez quilômetros de largura; suas águas cor de oliva; as grandes vegetações aquáticas, muitas vezes vagando na correnteza e formando pequenas ilhas flutuantes; a quantidade de frutas e vegetação; grandes toras de madeira e as margens planas, cobertos pela floresta contínua [...] também há muita animação neste rio gigante. Inúmeros grupos de papagaios e grandes araras vermelhas e amarelas passam voando, ao amanhecer e ao anoitecer, fazendo sua algazarra. Muitas espécies de garças nas margens do rio, [...] Porém, as aves mais características da Amazônia são as gaivotas e os trinta-réis, que existem em abundância: ouvem-se seus gritos durante toda a noite nas margens do rio [...] e, durante o dia, as aves atraem constantemente nossa atenção, pelo hábito de pousarem em troncos flutuantes. Algumas vezes, podemos ver dúzias delas

O apogeu das viagens científicas coincidiu com o estabelecimento da Província do Amazonas em 1850 e Manaus como capital em 1856. Em 1852 é criada a Companhia de Navegação do Amazonas, com os primeiros navios a vapor subindo o rio. Para evitar que navios estrangeiros entrassem no território, estabeleceu-se que somente navios brasileiros podiam navegá-lo. Entretanto, o Governo Imperial não tinha recursos para expandir a frota de navios a vapor, pois, devido à Guerra do Paraguai (1864 – 1870), a receita do Império não chegava ao norte do Brasil. Pressionado pelos representantes das Províncias nortistas e assediado pelas nações estrangeiras, especialmente Inglaterra e Estados Unidos, o Império resolve abrir a navegação às nações estrangeiras em 1867.

Foi nessa época, entre 1865 e 1866, que o cientista Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth viajaram pelo Brasil em expedição oficial. Ao retornar aos Estados Unidos, o casal publica *A journey in Brazil* (1867). O relato publicado pelo casal e a repercussão da viagem indicam que o material produzido sobre o Brasil buscou atingir um público mais amplo do que o de leitores especialistas em história natural.

De acordo com Toledo Machado (2000), o livro, escrito por sua esposa em forma de diário, deu destaque à atividade científica de Agassiz e reforçou as estratégias de legitimação de suas teorias raciais e biogeográficas. Os problemas suscitados por sua viagem não são tratados como meramente locais. Os peixes do Amazonas e seus afluentes são utilizados para solidificar os argumentos dos criacionistas contra os evolucionistas, além de possibilitarem a defesa de uma biogeografia estática, onde cada ser teria sido designado para habitar uma região específica do planeta. Suas observações sobre a mestiçagem brasileira apoiam sua opinião de que as raças não devem se misturar e fortalecem o campo político de parte da elite norte-americana que pregava a segregação dos negros.

A teoria de Louis Agassiz tinha grande penetração na parte segregacionista dos Estados Unidos. O cientista partiu para a viagem exploratória quando os Estados Unidos ainda estavam em plena guerra civil<sup>34</sup> (1861 – 1865) com o interesse “extra-científico” de examinar a questão da miscigenação racial brasileira. Em Manaus, utilizando o poder de convencimento da esposa, convence

---

lado a lado, descendo na correnteza do rio, sérias e imóveis como se estivessem a fazer alguma coisa importante.

<sup>34</sup> No Brasil, conhecemos esse período como Guerra da Secessão.

as mulheres amazonenses a posarem para fotos vexatórias, cujo único objetivo era estudar-lhes as características raciais e expô-las aos seus patrícios americanos. Elizabeth Agassiz, co-autora de *A journey in Brazil*, narra as descobertas e experiências do marido e cientista, Louis Agassiz:

[...] He cannot deny the deterioration consequent upon an amalgamation of races, more widespread here than in any other country in the world, and which is rapidly effacing the best qualities of the white man, the negro, and the Indian, leaving a mongrel nondescript type, deficient in physical and mental energy<sup>35</sup> (1867, p. 293).

The six weeks we have passed here have been very valuable in scientific results. Not only has Mr. Agassiz largely increased his knowledge of the fishes, but he has had an opportunity of accumulating a mass of new and interesting information on the many varieties of the colored races, produced by the crossing of Indians, negroes, and whites, which he has recorded not only in notes, but in a very complete series of photographs. Perhaps nowhere in the world can the blending of types among men be studied so fully as in the Amazons, where mamelucos, cafuzos, mulattoes, cabocos, negroes, and whites are mingled in a confusion that seems at first inextricable<sup>36</sup> (1867, p. 296).

A expedição “extra oficial” de Agassiz, que pretendia refutar às conclusões da Teoria da Evolução de Charles Darwin, foi um desastre científico<sup>37</sup>, mas serviu para convencer alguns dos confederados derrotados na Guerra Civil a aventurar-se no Brasil com o objetivo de fazer fortuna, continuar com seus escravos e com a sua política segregacionista em colônias fechadas. Algumas dessas famílias compraram terras nos arredores de Santarém, outras se estabeleceram no interior de São Paulo.

*The sea and the jungle*, publicado em 1912, foi um grande sucesso de vendas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Foi o primeiro livro de Henry

---

<sup>35</sup> [...] Ele não pode negar a consequente deterioração da mistura de raças, mais disseminada aqui do que em outros países do mundo, as quais estão rapidamente eliminando as melhores qualidades do homem branco, do negro e do indígena, deixando um mestiço difícil de definir e física e mentalmente deficiente.

<sup>36</sup> As seis semanas que passamos aqui têm sido muito valiosas em termos de resultados científicos. Mr. Agassiz não só aumentou substancialmente o seu conhecimento sobre os peixes, como também teve a oportunidade de acumular informações novas e interessantes acerca das inúmeras variedades de cores raciais, resultantes do cruzamento de índios, negros e brancos, não somente em anotações, como também em uma completa série de fotografias. Talvez, em lugar nenhum do mundo, se possa fazer um estudo tão completo sobre as raças do Amazonas, onde mamelucos, cafuzos, mulatos, caboclos, negros e brancos se misturam, em uma confusão que, em princípio, parece inextricável.

<sup>37</sup> A teoria criacionista de Louis Agassiz não pode ser comprovada. Em termos de Brasil, o que se reconhece do cientista é somente a sua pesquisa sobre os peixes da Amazônia (a mais completa feita até hoje). Parte da coleção ictiográfica recolhida por Agassiz está em exposição no Museu de História Natural da Universidade de Harvard em Cambridge, Massachusetts.

Major Tomlinson. Filho de um operário de trabalhava nas docas de Poplar em Londres, desde cedo desenvolveu profundo interesse por navios e viagens de aventuras. Seu primeiro emprego foi na venda de passagens no porto de Londres; a noite estudava geologia, botânica, mineralogia e zoologia. Em 1904 inicia o trabalho como repórter para o jornal *Morning Leader*, cobrindo notícias sobre navios e viagens e foi a serviço do jornal que Henry Major viajou para o Amazonas. *The sea and the jungle* é uma narrativa autêntica de toda a viagem a bordo do *Capella*, um vapor bem arruinado que zarpou do Pará em direção às quedas de Santo Antônio, próxima a fronteira do Brasil com a Bolívia. O livro até hoje é considerado uma obra-prima da literatura especializada em descrições da floresta tropical, tal como a seguir observamos:

I know those forests. I mean I have often navigated their obscure waterways, rafting through the wilds on a map, in my slippers, at night. Now those forests soon were to loom on a veritable skyline. I should see them where they stood, their roots in the unfrequented floods. I should see Santa Maria de Belem, its aerial foliage over its shipping and squalor. It was quite near now. I should see Santarem and Obydos, and Itacoatiara ; and then, turning from the King of Rivers to his tributary, the Madeira, follow the Madeira to the San Antonio falls in the heart of the South American continent<sup>38</sup> (Tomlinson, 1912, p. 115-116).

Herbert H. Smith, pesquisador norte-americano, escreveu *Brazil: the Amazons and the coast* (1879). Veio para o Brasil, onde ficou de 1873 a 1886, quando realizou cinco excursões científicas, sendo que a mais importante delas foi à Amazônia em 1874, da qual resultou a obra supracitada. Durante os anos em que esteve no Brasil, conseguiu colecionar cerca de meio milhão de espécimes, a maioria proveniente da Amazônia. Quando retornou aos Estados Unidos, Smith publicou uma série de artigos na revista *Scribner's Magazine* que fizeram sucesso entre os leitores americanos. A boa receptividade de seus artigos o incentivou a escrever o livro, que logo se tornaria um *bestseller* na época.

I began to dream of writing a book on Brazil, but for a long time the idea remained latent. I had indeed, a large mass of notes, and a collection of about one hundred thousand specimens, principally entomological; but the notes were

---

<sup>38</sup> Eu conheço estas florestas. Isto é, frequentemente já naveguei em suas águas obscuras, deslizando através da selva, em um mapa, de pijamas, à noite. Em breve essas florestas irão logo surgir sob o céu. Em momentos devo realmente vê-las, com suas raízes fincadas em águas não muito frequentadas. Devo avistar Santa Maria de Belém e suas copas folhosas, por sobre o porto e seus armazéns; está perto agora. Logo devo ver Santarém, Óbidos e Itacoatiara; em seguida, em uma curva do Rei dos Rios – o seu afluente, o rio Madeira e, mais adiante, as quedas de Santo Antonio, no coração do continente sul americano.



thrown together at random, and a large portion of the collections were still in their packing-boxes. Heretofore my reading of books on Brazil had been desultory and not very extensive. I now began to collect such works as I could obtain, and to compare the views of the various authors with my own observations. This taught me a new difficulty. I found that most travellers either praised Brazil unduly, or condemned the country altogether. From my pleasant observations of tropical nature I was inclined to side with the former class, but I felt that I could not write fairly of social and commercial life without more careful study (Smith, Prefácio, 1879, p. X)<sup>39</sup>.

O livro de Herbert Smith tem três particularidades importantes que se destacam entre a literatura do gênero no século XIX. O autor dedica um capítulo somente para descrever o drama da seca no Ceará entre os anos de 1877 e 1878 e não “economizou nas tintas” ao descrever o drama dos flagelados jogados nos “campos de concentração” nas cercanias de Fortaleza. Esse depoimento é muito importante, pois ilustra uma das causas do êxodo de nordestinos para a Amazônia no apogeu da extração da borracha. Os retirantes fugiram da seca para cair nas mãos dos coroneis de barranco para uma vida de semi-escravidão no seringal. *Inferno verde* de 1908, obra de Alberto Rangel e *A selva* de 1930, do português Ferreira de Castro, são as obras-síntese dessa epopeia. Serão os nordestinos que irão compor a mestiçagem, com o indígena e o tapuio, que resultará no que hoje conhecemos como o caboclo da Amazônia.

A obra de Smith também dá notícia de uma fazenda confederada no interior da cidade de Santarém, no Pará. É possível que dentre as obras conhecidas da época seja a única que se refere aos colonos sulistas que vieram para a Amazônia. É provável que Elizabeth Bishop tenha lido esse livro, pois se encaixa no tipo de literatura de viagem que a autora apreciava. Bishop refere-se aos colonos confederados no poema “Santarem”:

---

<sup>39</sup> Comecei a sonhar em escrever um livro sobre o Brasil, porém, por muito tempo, a ideia permaneceu latente. De fato, eu possuía um grande volume de anotações e uma coleção de, pelo menos, 100 mil espécimes, principalmente de entomologia. Entretanto, essas notas não estavam organizadas e grande parte das coleções ainda estava acondicionada em suas caixas. Minhas leituras sobre o Brasil tinham sido incipientes e não muito extensivas. Em seguida, comecei a adquirir as obras que pude encontrar, comparando-as com as visões de outros autores e com as minhas próprias observações. Esse processo criou-me uma nova dificuldade. Descobri que a maioria dos viajantes ou elogiava o Brasil excessivamente, ou o condenava de vez. Do ponto de vista de minhas prazerosas observações da natureza tropical, eu estava inclinado a concordar com os primeiros. Mas sentia que eu ainda não poderia escrever de forma justa sobre a vida comercial e social do Brasil sem aprofundar meus estudos.

Two rivers full of crazy shipping - people  
 all apparently changing their minds, embarking,  
 disembarking, rowing clumsy dories.  
 (After the Civil War some Southern families  
 came here; here they could still own slaves.  
 They left occasional blue eyes, English names,  
 and oars. No other place, no one  
 on all the Amazon's four thousand miles  
 does anything but paddle.)<sup>40</sup>  
 (Bishop, 2008, p. 176).

Enquanto Bishop menciona as estranhas “canoas”, Smith narra a surpresa ao encontrar uma carroça estilo “western” que certamente devia estar deslocada, em meio aos carros de bois (também mencionados por Bishop no mesmo poema), mais comuns àquela região:

There is a great creaking of wheels and a confusion of driver-shouting. Down the Santarem street come four brown horses, dragging an immense American wagon ; a tall, coatless individual sits astride of one of the leaders and guides the cavalcade with much flourish and noise. He draws up in front of Sr. Caetano's store, and salutes the merchant ; then alights and marches straight up to us, remarking : ‘Wal ! Who are you ?’ Of course we get acquainted at once, and Mr. Platt is a man worth knowing, too. He is one of some fifty Americans who are established in the forest near by; Platt himself is a Tennessean; the others are from Mississippi, Alabama, and so on. In its origin the colony was much larger. Over two hundred persons came here from Mobile, in 1866, under the guidance of a certain Major Hastings. This was shortly after the great civil war, when the subject of Brazilian emigration was much agitated in our Southern States. People who had lost everything were willing enough to begin again on new soil; the Brazilian government encouraged them to come, and agents were paid so much per head for their importation <sup>41</sup> (Smith, 1879, p. 135-136).

<sup>40</sup> Dois rios cheios de uma miscelânea de barcos – gente / sempre mudando de ideia, embarcando, / desembarcando, em barquinhos desajeitados. (Após a Guerra de Secessão, umas famílias sulistas / vieram para cá, onde podiam ainda ter escravos. / Deixaram olhos azuis aqui e ali, nomes ingleses, / e remos de verdade, com toletes. Em todo o resto do Amazonas, / em seis mil quilômetros de rio / só se usam remos curtos, soltos.) [...] ( Bishop, trad. Paulo Britto, 2001, p.321).

<sup>41</sup> Havia um grande ruído de rodas e uma confusão de gritos em Santarém. Subindo a rua vinha uma enorme carroça americana, puxada por quatro cavalos marrons; um homem alto, em mangas de camisa, sentado ao lado do condutor guiava a cavalgada, com todo o garbo, por sobre o barulho. O homem desceu e dirigiu-se à loja do Sr. Caetano, saudou o comerciante e marchou em nossa direção, perguntando – Ei! Quem são vocês? / É claro que nos apresentamos imediatamente. Mr. Platt é um homem que vale a pena conhecer. Ele é um dos cerca de cinquenta norte-americanos que se estabeleceram aqui perto, na floresta. Platt é proveniente do Tennessee; os outros são do Mississippi, Alabama, etc. Originalmente a colônia era muito maior, mais de duzentas pessoas que vieram de Mobile, em 1866, sob a liderança de certo Major Hastings. Foi logo depois do final da Guerra de Secessão, quando o assunto da emigração para o Brasil estava agitando os estados sulistas. Pessoas que haviam perdido tudo estavam dispostas a começar de novo, em um novo solo, incentivados pelo governo brasileiro e agenciados por pessoas que recebiam pelo serviço de trazê-los ao Brasil.

No ano de 2007, Santarém comemorou os 140 anos da chegada dos Confederados<sup>42</sup> na Amazônia. Centenas de famílias confederadas abandonaram os EUA, logo após a Guerra Civil, no maior êxodo político da história norte-americana. Para marcar o dia 17 de setembro de 1867, houve uma sessão solene na Câmara Municipal e novo “batismo” do primeiro trapiche da Pérola do Tapajós, agora denominado “Terminal Fluvial Turístico Reverendo Richard Thomas Hennington”, construído por ele no século XIX (1883-1884). Foi o Reverendo Richard Thomas Hennington quem também implantou a indústria naval na região, dentre outras realizações. Na ocasião, a orquestra “Maestro Wilson Fonseca”, executou Dobrado nº 22, de autoria de Wilson Fonseca, intitulado “Os Confederados”. Na cerimônia estava presente Rosilda (Hennington) Malheiros da Fonseca, 89 anos, viúva do maestro e bisneta de Richard Hennington. Dentre as famílias que chegaram com Hennington em 1867 estavam os Pitts, Wanghon, Jennings, Emmett, Steele, Riker, Rhome, Hendenhall, Wilkens, Stroope, Wallace e Franklin. Alguns dos descendentes dessas famílias ainda residem em Santarém e Belém.

Por último, Herbert Smith é citado muitas vezes por Charles Wagley, antropólogo norte-americano, que escreveu o livro *Uma comunidade amazônica* ([1955]1977), que inspirou Elizabeth Bishop a escrever o poema “The riverman”/“O ribeirinho”. Também é provável que a poeta tenha utilizado pela primeira vez em texto poético em língua estrangeira o termo (riverman/ribeirinho) para referir-se ao caboclo da Amazônia. A palavra ribeirinho só aparece na edição brasileira de 1977. A palavra *riverman* não consta na edição norte-americana de 1955, que foi a utilizada por Bishop para escrever o poema em 1960.

### 3.2

#### **O eldorado amazônico: a Amazônia cabocla**

*Muitos nativos e ribeirinhos da Amazônia acreditavam - e ainda acreditam - que no fundo de um rio ou lago existe uma cidade rica, esplêndida, exemplo de harmonia e justiça social, onde as pessoas vivem como seres encantados. Elas são seduzidas e levadas para o fundo do rio por seres das águas ou da floresta (geralmente um boto ou uma cobra sucuri), e só voltam ao nosso mundo com a intermediação de um pajé, cujo corpo ou espírito tem o poder de viajar para a Cidade Encantada, conversar com seus moradores e, eventualmente, trazê-las de volta ao nosso mundo.*

<sup>42</sup> Sobre a saga dos Confederados na Amazônia ler: GUILHON, 1979.

*Anos depois, ao ler os relatos de conquistadores e viajantes europeus sobre a Amazônia, percebi que o mito do Eldorado era uma das versões ou variações possíveis da Cidade Encantada, que, na Amazônia, é referida também como uma lenda. Mitos que fazem parte da cultura indo-europeia, mas também da ameríndia e de muitas outras. Porque os mitos, assim como as culturas, viajam e estão entrelaçados. Pertencem à História e à memória coletiva (Hatoum, 2008, p.107-108).*

O surgimento do caboclo na história da formação e ocupação da Amazônia ocorre na segunda metade do século XVII com a implantação das primeiras missões jesuíticas amazônicas, quando os índios foram catequizados e treinados para serem pequenos produtores. Nessa tentativa de transformá-los em “cidadãos” da sociedade portuguesa, os índios perderam a identidade e a capacidade de viver como nômades, tornando-se caboclos.

Deve-se ressaltar a importância da vinda dos religiosos para o povoamento da Amazônia, pois eles fundaram as primeiras cidades ao longo dos rios do baixo Amazonas (atualmente Pará) além de iniciarem a agricultura e a pecuária na região. Deve-se também aos jesuítas a expansão da língua geral, um dialeto que surgiu a partir da combinação da língua tupi-guarani com a língua portuguesa. As antigas missões dos padres portugueses tornaram-se cidades como Santarém, Breves, Vigia, Soure, Óbidos, Alenquer, Bragança, Ourem etc. Até os dias de hoje, o estado do Pará é considerado um dos que mais preservaram a cultura portuguesa.

No século XVIII, a pujança das ordens religiosas do Pará chama a atenção da Coroa e, com o declínio das colônias africanas, o “reino” volta seus olhos para a Amazônia. Em 1750, durante o governo do Primeiro Ministro Marquês de Pombal, um alvará extingue a autoridade das missões sobre os índios e as ordens religiosas são expulsas da Amazônia. Com a mudança administrativa, são criadas algumas leis para facilitar o controle da Coroa: a proibição da língua geral, a adoção do português como língua regional, o estímulo ao uso de roupa europeia, a proibição das construções indígenas coletivas e a difusão do conceito europeu de família. O objetivo dos portugueses era implementar o conceito econômico que já estava tendo sucesso nas províncias do nordeste do Brasil. Com o passar do tempo, verificou-se o limitado sucesso dos empreendimentos e os administradores convenceram-se de que os lucros eram maiores se voltassem à antiga atividade extrativista.

Todas essas mudanças foram extremamente danosas para a população nativa da Amazônia. Quase toda a cultura ameríndia dissolveu-se, perderam-se as estruturas básicas que regiam a existência dos indígenas. Muitas tribos foram forçadas a viver na mesma cidade, como europeus, acabando com a sua integridade cultural. Os nativos foram forçados a ter contato com toda espécie de gente e foram sendo destruídos pelo alcoolismo e induzidos ao comércio ilegal e à autodestruição. Aos poucos foram desaparecendo a ideia de comunidade, de parentesco, de religião, a língua e o modo de vida na natureza. Por exemplo, podemos ter uma ideia desse flagelo, com alguns dados da pesquisa de Antonio Porro sobre a população indígena nas primeiras décadas do século XX.

[...] os Nambikuara, estimados em 20 mil, em 1916, haviam sido reduzidos pelas doenças a menos de 1.000, em 1938; os Munduruku, embora contactados há tempo, eram ainda cerca de 20 mil, em 1915, e haviam caído para 1.200 em 1950; os Timbira, de 1.000, em 1900, para uns 40, em 1950. [...] Com isso, a América do Sul não-andina, que chegou a cerca de 450 mil indígenas no momento do seu mais baixo efetivo demográfico (a primeira metade do século XX), teria tido originalmente de 9 a 11 milhões de habitantes, [...] mas se aplicássemos a sua taxa média à população amazônica (brasileira) mínima de aproximadamente 50 mil pessoas em 1957 [estudo feito por Darcy Ribeiro em 1957] teríamos de 1 a 1,5 milhões para o século XVI. Na verdade, o número seria muito maior, porque esse cálculo não permite a reconstituição das inúmeras tribos que chegaram à completa extinção (Porro, 1995, p.22 – 23) [Meu grifo].

O desaparecimento da população indígena ao longo das várzeas dos rios, como resultado do processo de ocupação do território amazônico, levou o governo colonial a incentivar os casamentos mistos. Destas uniões resultaria o novo homem da Amazônia definido, naquela época, segundo critérios raciais: branco, índio, negro, mulato, mameluco e cafuzo. Elizabeth Agassiz (1867), explica ao leitor de língua inglesa as três últimas categorias raciais:

The child born of negro and white parents is neither black nor white, but a mulatto; the child born of white and Indian parents is neither white nor Indian, but a mameluco; the child born of negro and Indian parents is neither a negro nor an Indian, but a cafuzo; and the cafuzo, mameluco, and mulatto share the peculiarities of both parents, just as the mule shares the characteristics of the horse and ass<sup>43</sup> (p.297).

---

<sup>43</sup> A criança nascida de pais negros e brancos, não é nem preta nem branca, é mulata; a criança nascida de pais índios e brancos, não é nem branca nem índia, é mameluca; a criança nascida de pais negros e índios, não é negra nem índia; é cafuza; cafuzos, mamelucos e mulatos partilham das mesmas peculiaridades dos pais, assim como a mula partilha as mesmas características de um cavalo e de um jumento.

Após esse período, a família passa a ser o núcleo em torno da qual a vida social e econômica do amazônida (o caboclo) é construída. A centralização da economia regional em torno do extrativismo dispersou ainda mais a população ao longo dos rios e afluentes da bacia amazônica, reforçando o padrão disperso das pequenas comunidades que irão caracterizar os assentamentos caboclos até os dias de hoje.

Esse modo de sobrevivência é herdado das estratégias adaptativas do indígena, somado ao padrão de pequenos assentamentos rurais do homem branco. Essa nova população vai ser formada por índios aculturados, portugueses e mamelucos que irão desenvolver várias estratégias essenciais à sobrevivência no ecossistema amazônico. Técnicas de moradia, navegação e manejo da fauna e flora vão constituir a cultura do caboclo da Amazônia.

Todavia, para Darcy Ribeiro (2007), o ‘verdadeiro caboclo’; isto é, o caboclo como uma comunidade social e política, surgiu após a revolta dos cabanos (1835-40), um violento e sangrento confronto entre a população rural e urbana contra a exploração da elite político-econômica. A Cabanagem<sup>44</sup> foi primeiramente um movimento anti-colonialista e, depois, uma revolução republicana e separatista. Dentre as causas principais para a eclosão do movimento estão:

- A precedência e hegemonia do Estado sobre a sociedade cabocla;
- A desintegração indígena;
- O hiato cultural-pedagógico entre a população híbrida e os lusitanos.
- A constituição de uma sub-sociedade cabocla e indígena.

Apesar da violência (deixou mais de 30 mil mortos) e da rapidez com que se espalhou de Belém para o baixo, médio e alto Amazonas, a Cabanagem apenas serviu para aumentar o fosso econômico e racial entre a elite branca e os caboclos:

Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. O principal alvo dos cabanos era os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade desta revolução extrapola o número e a diversidade das pessoas envolvidas. Ela também abarcou um território muito amplo. Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central e ainda se aproximou do litoral norte e nordeste. Gerou distúrbios internacionais na

---

<sup>44</sup> O próprio nome do movimento já denota sua origem: cabana (habitação típica do ribeirinho) = cabanagem = cabano. Ver DI PAOLO, 1990.

América caribenha, intensificando um importante tráfico de ideias e de pessoas (Ricci, 2007, p.6).

O momento mais alto da luta pela igualdade e pela liberdade na Amazônia é, sem dúvida alguma, o movimento cabano: de fato, a Cabanagem constitui o movimento revolucionário popular mais autêntico e significativo de toda história do Brasil [...] Explodiu, depois da declaração de independência, em 7 de janeiro de 1835, pela saturação da paciência cabocla diante da sistemática do governo central em negar aos mais antigos habitantes da região o direito elementar da cidadania (Di Paolo, 1990, p.24).

Na concepção de Caio Prado Júnior<sup>45</sup> (1985), o movimento cabano foi o único movimento revolucionário brasileiro que logrou tomar o poder. Com a população mestiça desintegrada, chega ao fim o ciclo da coleta extrativista de diversos produtos provenientes da floresta desde o período colonial. A economia da Amazônia, sob a bandeira do Império brasileiro, concentrou-se em um único produto – a borracha.

### 3.3

#### A ilusão do fausto

Em 1743, a seiva da seringueira era descrita pela primeira vez por Condamine, um estudioso francês. Conhecida como “cao-o-chu” – “a árvore que chora”, logo, tornou-se o produto vegetal mais cobiçado do planeta – a *Hevea brasiliensis*.

Inicialmente, a borracha natural era utilizada apenas na fabricação de sondas, brinquedos e artefatos. Com a invenção do automóvel e com o processo de vulcanização da borracha, o produto passa a ser cada vez mais requisitado. A seringueira da Amazônia ganhou fama como a variação de melhor qualidade e produtividade do mundo. A grande região era a principal produtora mundial e orientou sua economia para atender à crescente demanda do mercado internacional. Com a notícia, começam a chegar a Belém e Manaus migrantes da Região Nordeste e estrangeiros, gerando um crescimento demográfico que obriga as duas cidades a passarem por mudanças significativas.

---

<sup>45</sup> Apesar de não se dedicar exaustivamente ao tema da Cabanagem, Caio Prado Jr. foi o grande divulgador deste movimento entre as fileiras da esquerda no Brasil do século XX. Em seu livro *Evolução política*, assinala que o movimento era uma revolução que, “apesar de sua desorientação, apesar da falta de continuidade que o caracteriza”, possuía “a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou de simples agitação para a tomada efetiva do poder” (p. 69).

No período de 1860 a 1910 ocorre na Amazônia Brasileira o apogeu da exploração da borracha natural, que coincide com a *belle époque*, caracterizada pelo crescimento econômico, avanço das técnicas no território e também pelo aumento dos males sociais nas cidades. A expansão da exploração da borracha para o interior da Amazônia possibilitou a criação de vilas e cidades em especial na área que corresponde ao Estado do Amazonas.

Em pouco menos de cinquenta anos, Manaus, capital do estado do Amazonas, ganha o serviço de transporte coletivo de bondes elétricos, telefonia, eletricidade e água encanada. Para atender a demanda de exportação é construído um porto flutuante e uma alfândega que passam a receber navios dos mais variados calados e de diversas bandeiras. A metrópole da borracha inicia os anos de 1900 com uma população em torno de 20 mil habitantes, com ruas retas e longas, calçadas com granito e pedras de lioz importadas de Portugal, praças e jardins bem cuidados, belas fontes e monumentos, um teatro suntuoso, hotéis, estabelecimentos bancários, palacetes e todos os requintes de uma cidade moderna.

Belém tomou ares de Paris, no auge do fausto da borracha; o cenário colonial da capital do Pará ganha praças, luz elétrica, o suntuoso Grande Hotel, mercados no melhor estilo inglês, o Teatro da Paz, palácios e casas luxuosas. As antigas “estradas” transformaram-se em avenidas ladeadas de mangueiras. A capital paraense, que despontava como importante centro econômico do Brasil, à época, o terceiro porto do país e quarta cidade em números populacionais, era também grande produtora de arte e cultura do final do século XIX e início do XX.

Márcio Souza, escritor amazonense que documentou a era da borracha no romance *Galvez: imperador do Acre*, refere-se a outros escritores/viajantes para descrever a mudança sofrida pelas duas metrópoles. Antes:

“Soldados indolentes, padres, negros carregando à cabeça talhas de barro vermelho, índios de aspecto sombrio [...], edifícios tristes, com aparência de conventos”, eis a Belém de 1850, vista por Henry Bates. E Manaus? Que poderia dizer de Manaus? – pensaria o casal Agassiz, em 1865. “É uma pequena reunião de casas, a maioria das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes, decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correio, Alfândega, Presidência” (1977, p. 104).



Em pouco mais de trinta anos, eis que tudo se transforma.

Manaus e Belém centralizam a corrida extrativista. Manaus, "opulenta capital do seringueiro", nas palavras de Euclides da Cunha, era "o fruto das audácias do Pensador (Governador Eduardo Ribeiro). O crescimento abrupto levantou-se de chofre, fazendo que trouxesse, aqui, ali, salteadamente, as roupas civilizadas, os restos das tangas esfiapadas dos tapuias, cidade meio caipira, meio europeia, onde o tijupá se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do ianque espigado o seringueiro achamboado" (1977, p. 104).

A exploração da borracha era feita por meio de processos rudimentares. O método era o mesmo dos tempos coloniais, com a diferença que agora o serviço era feito por caboclos e imigrantes nordestinos em um regime de semi-escravidão. O trabalho dos caboclos consistia em descobrir as seringueiras (concentradas irregularmente pela floresta), coletar a goma da "árvore que chora", defumá-la e, finalmente, ir ao armazém trocá-la por víveres. Não havia dinheiro nesse escambo, o produto retirado da floresta com o suor e as lágrimas dos caboclos não rendia senão dívidas. Os seringueiros estavam submetidos à ganância dos coronéis de barranco, aos aviadores inescrupulosos, e subjugados à floresta sufocante.

Os grandes comerciantes, os governos estadual e federal, acreditando na eterna colheita, não tomaram nenhuma precaução para a proteção e conservação das plantas. E as árvores produtoras, submetidas a um regime de extração intensiva e malcuidada, eram rapidamente esgotadas. O esgotamento das árvores forçava o seringueiro a ir cada vez mais longe. Assim, os coronéis e seu comércio foram ocupando e povoando outras áreas; expandindo a Amazônia brasileira, expulsando e matando as poucas tribos indígenas que ainda restavam.

Quem nos conta um episódio que representa a perda e a perseguição sofrida pelos verdadeiros donos da terra é o Pajé Iamapob, em registro feito por Betty Mindlin em *Diários da Floresta*. "De repente, Iamapob começou a fazer um discurso, deu uma aula magna":

Watapã ia traduzindo aos poucos, mas quando ficava muito interessante esquecia de mim, ligando-se no professor pajé, e exclamava hum, hum .... com espanto e aprovação. [...] Todos cessaram qualquer movimento e encostaram-se nas enxadas, ouvindo-o com atenção. O tema era os tempos antigos, anteriores ao contato com os iaraei (aqueles que não são índios); a extensão imensa que tinham então as roças, com fartura, com grandes festas, muito maiores do que as que estão preparando agora. Já no tempo dos seus avós, mas mais ainda no de seu pai e na sua mocidade, vieram as correrias, os ataques pelos seringueiros que chegavam e se instalavam, em casas que eles observavam de longe. [...] Nessa

época quase não conseguiam plantar, pois tinham que mudar de lugar, fugindo; passavam fome. Depois veio a Funai pendurando facões para dar de presente e fazer a paz, provando que se tratava de amigos e não de assassinos. Logo verificaram que, apesar de amigos, na ponta dos facões traziam também as novas doenças, como a gripe, o sarampo, a tuberculose, que mataram tantos deles ... [...] O discurso de Iamapob é a história do mundo e do povo indígena, como foram criados, quais os costumes de casamento, proibições, regras de alimentação, [...] (Mindlin, 2006, p. 20).

O fim de uma era veio primeiramente para o povo desiludido diante da fome, das doenças, dos salários miseráveis. Depois veio a decadência de um modo de vida que as elites levavam nas metrópoles do fausto. A borracha brasileira, explorada nas condições já descritas, não resistiu à concorrência do produto proveniente da Ásia oriental. A ameaça já vinha de longa data.

Entre 1873 e 1876 são levadas do Amazonas para Londres sementes da *hevea*, e lá semeadas no Jardim Botânico de Kew. As plantas foram levadas para o Ceilão e Cingapura e dariam origem às imensas plantações racionalmente conduzidas e selecionadas, que desbancariam completamente a produção extrativa da América. Além disso, o Brasil nunca passara de mero produtor de matéria-prima; todo negócio propriamente da borracha, desde o financiamento e o comércio até a manipulação e o consumo do produto industrializado, era-lhe alheio. Estava assim inteiramente à mercê de seus concorrentes, que dispunham de todos os setores e alavancas econômicas da economia da borracha.

O movimento dos navios carregados de mercadorias e pessoas animou o grande rio Amazonas, e suas margens testemunhavam, pela primeira vez, o deslumbramento da riqueza e da prosperidade. Prosperidade de aventureiros que gastavam altas somas, uma fortuna rápida e facilmente adquirida. Menos que uma sociedade organizada, a Amazônia desses anos de febre da borracha teve o caráter de um acampamento. Enquanto os caboclos, dispersos e isolados, minavam suas forças nos seringais, os comerciantes e todo um grupo que sobrevivia da fortuna alheia, ficava nas cidades consumindo o dinheiro proveniente da borracha, acendendo charutos com notas de dólar. Essa riqueza fácil não legou nada de sólido e ponderável. O símbolo desta era é o Teatro Municipal de Manaus para onde se dirigiam, a peso de ouro, os mais famosos artistas da Europa. Um monumento imponente que parecia deslocado na paisagem amazônica.

Subitamente, Manaus foi abandonada pelos estrangeiros, que partiram com suas firmas para a Ásia, e pelo governo federal, que não lucrava com o dinheiro

proveniente dos impostos da exportação da borracha. Essa decadência sócio-econômica é comentada na obra *História econômica do Brasil*, de Prado Júnior:

É claro que, desfeito o castelo de cartas em que se fundava toda esta prosperidade fictícia e superficial, nada sobraria dela. Em poucos anos, menos ainda que se levava para constituí-la, a riqueza amazonense se desfará em fumaça. Sobrarão apenas ruínas. Nas cidades, setores inteiros de casas abandonadas e desfazendo-se aos poucos; a mata, voltando ao isolamento. A terra se despoeva. Vão-se os aventureiros e buscadores de fortuna fácil procurar novas oportunidades em outro lugar qualquer. Ficarão a população miserável de trabalhadores que aí se reunira para servi-los, e que trará estampado no físico o sofrimento de algumas gerações aniquiladas pela agrura do meio natural; [...] O drama da borracha brasileira é mais assunto de novela romanesca que de história econômica (1985, p. 259-260).

Para Souza (1977), este “colonialismo moderno” é um “legado do europeísmo da *belle époque*” que deu aos amazônidas uma ilusão de prosperidade, escondendo a realidade, que só viria emergir na literatura da Amazônia somente na fase do Realismo brasileiro. A herança dessa época é cruel e avassaladora. Euclides da Cunha, na obra *Um paraíso perdido* (2000 [obra póstuma]) escreve:

É um passado que é considerado bárbaro e não histórico. Assim, no estamento do Amazonas, representantes dóceis da inteligência burocrática vigente no Brasil, viram-se separados de seu senso histórico, afastaram-se de seus egos e até de sua própria biologia. Morenos escritores da infelicidade ontológica, uma infelicidade que não era deles, mas se colava na pele como uma roupa bem engomada. Mamelucos administradores da urbanização burguesa, construtores de logradouros públicos que se chocavam com a ecologia, mas que abriam no espaço a impressão da civilização como um cenário teatral (Euclides da Cunha apud Souza, 1977, p.103).

### 3.4

#### A formação da identidade cabocla

Dividir culturalmente a Amazônia em cultura de origem europeia, indígena ou africana não condiz com a realidade. A população da região norte é essencialmente mestiça. Mestiça como o caboclo amazônico. Antes dos portugueses ocuparem oficialmente a Amazônia em 1616, espanhóis, franceses, ingleses, holandeses e irlandeses já haviam marcado presença na região. Os negros (africanos) foram trazidos à Amazônia em cifras bem modestas, desde 1702, conforme nos revela Vicente Sales (1988). Vieram depois os italianos, os

turcos, os sírios e os libaneses, os judeus e os americanos. Por fim, os japoneses chegaram a partir de 1928, se estabelecendo inicialmente no Pará, conforme registra Samuel Benchimol (1999). Todas essas culturas ajudaram a formar o *melting pot* cultural da Amazônia.

### 3.4.1

#### Como caracterizar o caboclo amazônico?

[...] a categoria caboclo é complexa, ambígua e está associada a um estereótipo negativo; no uso acadêmico, refere-se aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica, também são classificados como camponeses [...] no sentido coloquial, o caboclo é uma categoria de classificação social complexa que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe [...] na região amazônica o termo é também empregado como categoria relacional; o termo identifica uma categoria de pessoas que se encontra em uma posição social inferior em relação ao locutor [...] os parâmetros desta classificação coloquial incluem a qualidade rural, descendência indígena e “não civilizada” (analfabeta e rústica) que contrastam com as qualidades urbana, branca, civilizada [...] Como categoria relacional, não há um grupo fixo identificado como caboclo; o termo pode ser aplicado a qualquer grupo social ou pessoa considerada mais rural, indígena ou rústica. O uso coloquial do termo leva à suposição de que existe uma população concreta que pode ser imediatamente identificada como cabocla e carrega a identidade de caboclo (Lima-Ayres apud Rodrigues, 2006, p.5-7).

É perceptível que Lima-Ayres tem dificuldade de chegar a uma conclusão satisfatória, definitiva, visto que das várias acepções compiladas pela autora para dar uma definição ou sentido ao termo caboclo, todas são concepções atribuídas por “não- caboclos”, prevalecendo uma definição pejorativa. Outras definições foram surgindo: mestiço, tapuio, testemunha e sujeito da memória residual, guardião da floresta, povo da floresta, povo tradicional, ribeirinho etc.

Hoje, a palavra “ribeirinho” é usada amplamente pela mídia para falar das populações amazônicas, mas só surge na literatura acadêmica em 1977, quando Darell Miller refere-se às “comunidades ribeirinhas tradicionais, pequenas cidades localizadas ao longo do rio Amazonas, não muito próximas aos centros mais desenvolvidos, ainda não alcançadas pela malha rodoviária, e ignoradas pelos projetos desenvolvimentistas aplicados à região” (Wagley, 1977, p.285).

Darrel Miller, discípulo de Charles Wagley, autor do livro *Uma comunidade amazônica* ([1955]1977), revisitou Itá<sup>46</sup> em 1974 com o objetivo de estudar as mudanças ocorridas na localidade, 26 anos após a pesquisa pioneira de 1948. Hoje, Charles Wagley é reconhecido como o pioneiro do estudo etnográfico sobre o caboclo da Amazônia. Até então, todos os estudos etnográficos se concentravam nos nativos da Amazônia. Assim, Wagley justifica a relevância de seu estudo:

Os habitantes da comunidade de Itá são Brasileiros. Participam, dentro dos limites do conhecimento e do potencial de que dispõem, da vida regional e nacional. Os caboclos, como são chamados os habitantes da aldeia, falam o português. Discutem política nacional e internacional e, desde que sejam apenas semi-alfabetizados, podem votar. [...] A breve, mas excelente descrição que *Herbert Smith*<sup>47</sup> faz dos ‘índios amazônicos semi-civilizados’ das vizinhanças de monte Alegre, no baixo Amazonas, também mostra a força dos costumes ibéricos. Descreve ele casas de adobe em lugar da comprida casa de folhas de palmeira trançada dos tempos aborígenes. A música, a dança e os festejos do dia de um santo a que se refere são os mesmos que ainda hoje se observam em Itá. Os amazônicos davam ‘a benção’ em bom estilo europeu, oferecendo a mão e dizendo, ‘Deus te abençoe’. Biologicamente eram índios, mas na cultura tinham mais em comum com o luso brasileiro do que com os índios autóctones que ainda vivem nas florestas isoladas da Amazônia. Desde o século XXI o caboclo da Amazônia vem cada vez mais se aproximando da vida regional e nacional. É hoje cidadão de um estado nacional e seu modo de vida nada mais é do que uma variedade regional de uma cultura nacional (Wagley, [1955]1977, p. 49 -57). Meu grifo.

O principal objetivo do antropólogo Wagley (1977) era utilizar a comunidade pesquisada como um laboratório para formular um padrão para pesquisas futuras na Amazônia. Na obra *Uma comunidade amazônica*, o autor destaca a importância da preservação da cultura cabocla e, ao mesmo tempo, da inserção desse habitante dos rios na sociedade civilizada sem destruir a sua identidade. Mesmo reconhecendo o pioneirismo da pesquisa, não podemos deixar de mencionar que o autor, em algumas passagens da obra citada, deixa transparecer a sua mentalidade etnocêntrica ao escrever que Itá (Gurupá) é uma representação da Amazônia – retrógada subdesenvolvida e mal aproveitada – um deserto verde.

<sup>46</sup> O nome Itá é fictício. Na verdade, a pesquisa de campo ocorreu na região da ilha de Gurupá-Pa, localizada á esquerda do delta do Rio Amazonas (entre a ilha de Marajó e o estado do Amapá).

<sup>47</sup> SMITH, 1879, p. 371-397.

De 1948 para os dias de hoje a situação é a mesma. Pois, o caboclo amazônico é aquele que está na ‘ilharga’, na fronteira, na periferia do mundo moderno. É o jogo do entre-lugar, de Silviano Santiago ou da “Terceira margem”, de Guimarães Rosa. Para Benedito Monteiro, autor paraense, “o caboclo está no meio da modernidade, nas margens, e, ao mesmo tempo, fora dela” (1983, p.6).

Uma importante característica do caboclo da Região Amazônica é a mobilidade. Afinal, o caboclo descende dos índios (nômades por natureza), dos portugueses (nômades por opção) e dos nordestinos seringueiros (nômades por imposição da seca e da fome). O trecho do romance *A terceira margem* (1983), ilustra essa mobilidade do amazônida, por entre os rios e furos da Amazônia em um eterno deslocamento:

Vou contar a minha história, mas por viagens. Montado a cavalo, eu sempre esbarrava em margens e barrancos. Já quando me avezei pela canoa gita, desapareceu pra mim essa questão de margens e ribanceiras cortantes. Os furos, os igarapés, os rios e os lagos me davam a impressão de ser sempre uma pessoa refletida num espelho andante e baita. Pra mim, paresque, era a linha d’água que dividia o mundo [...] Comecei também a chegar nas cidades por pontes e trapiches. Tudo passou a ser marcado por chegadas e saídas. Por isso agora só conto a minha vida por viagens. Ela passou a ser assim, sem paradeiro certo, dependendo da maré das águas, das pessoas e até dos objetos. O senhor pensa que regatão tem algum destino? Só tem chegadas e saídas. Por isso também que agora conto a minha vida por paradas. Aliás, foi nas paradas que consegui arrumar a minha descendência (Monteiro, 1983, p. 31-34).

Elizabeth Bishop também percebe esse constante ir e vir do povo da Região Amazônica: uma “gente sempre mudando de ideia, embarcando, desembarcando, em barquinhos desajeitados” (Bishop, 2001, p. 321), pois ficar na terra natal é ser condenado à invisibilidade. Assim, o caboclo vive, ‘rio abaixo e rio acima’, sempre na terceira classe, nos gaiolas ‘grávidos de redes’, em meio a mercadorias como sacas de castanha, açaí e até porcos e galinhas. Essa situação ainda perdura, como revelam inúmeros depoimentos de anônimos viajantes e jornalistas, como apresentado em seguida:

No navio Santarém, na viagem de Manaus a Belém, são muitas as histórias de desilusão. Neuziane Dias, de Monte Alegre<sup>48</sup>, deixou em sua cidade marido e filho para buscar sustento na Zona Franca. ‘Disseram que as fábricas estavam contratando moças para a linha de montagem, mas isso é só para o ano que vem.

---

<sup>48</sup> Cidade localizada no estado do Pará.

Por enquanto o que eu fiz lá em Manaus foi gastar o pouco de dinheiro que nós tínhamos para comer. Mas não tem nada não, meu sangue é forte, é de guerreira e eu vou conseguir trabalho' (Granato, 2007, p.1).

O caboclo amazônico constitui a sua identidade a partir do jogo da diferença, da mesma forma que outros sujeitos em uma sociedade. Sendo uma diferença, a identidade cabocla é uma fronteira sempre em movimento. Um espaço dinâmico que se expande e se retrai, sempre em transformação. Essa busca do “tornar-se outro”, é que leva um grupo social a refletir e dar significado à experiência vivida. Assim, o caboclo pode vir a se expressar como uma cultura, um modo de vida, ao mesmo tempo heterogêneo e autônomo, seja no âmbito regional ou nacional.

### 3.4.2

#### Vida de caboclo amazônica pós-moderno

O caboclo é um brasileiro com cultura própria, enriquecida por muitas gerações que geraram um jeito de falar, de ser e de viver muito peculiar. Uma cultura baseada no contato com a natureza, com a terra, com os rios e igarapés, com os seres, imaginários ou não, que povoam o espaço que ele habita, o dia, a noite, o vento, o sol, as fases da lua e as mudanças climáticas. Para se locomover, o caboclo da Amazônia usa a canoa que o índio inventou; um instrumento leve, capaz de se enfiar nos igarapés, por entre os troncos das florestas alagadas sem espantar os peixes. Ainda hoje há comunidades que vivem sem conforto na beira desses igarapés, sem esgoto e sem luz elétrica, mas o peixe, a roça de mandioca e o açaí garantem o ‘pirão’ de todo dia. Não é preciso navegar por muito tempo para avistá-los, basta embarcar em um “popopó” (o ônibus do ribeirão) e atravessar a baía do Guajará, em Belém do Pará. Em trinta minutos chegamos a uma das muitas ilhas no entorno de Belém, entramos em outro mundo, com a mesma paisagem que Elizabeth Bishop viu, 29 anos atrás.

O caboclo pesca com anzol e rede de pesca, mas sabe manejar o arco, a flecha e o arpão de seus antepassados. Sua vida é comandada pelo rio, mas quando tem alguma condição (quando tem algum dinheiro), não abre mão dos confortos modernos. Gosta de ir à cidade próxima para comprar sabonete, isqueiro a gás e roupa nova para a procissão e também para votar no dia de eleição. Aos

domingos, gosta de jogar futebol, tomar banho de igarapé, beber alguma coisa e comer peixe frito. Quando há energia elétrica é comum ver uma antena parabólica espetada no barraco, o que atrai os vizinhos à noite. “O caboclo vive numa dimensão de tempo diferente. Ele é um índio que vê novela da Globo e usa óleo de soja” (Tales Alvarenga – Revista Veja/Especial Amazônia 24/12/1987).

O caboclo não vive mais isolado como no passado. Hoje, as distâncias físicas são facilmente vencidas na Amazônia: por terra, mar e ar. Porém, a distância social continua imensa; é uma luta contínua de sobrevivência. Therezinha Fraxe (2000, 2004) pesquisou e conviveu com uma comunidade cabocla que vive a cerca de uma hora de barco da cidade de Manaus. Segundo a autora, o fato dessa comunidade viver tão próximo da capital do Estado do Amazonas não significa que ela tenha acesso aos seus mínimos direitos de cidadãos brasileiros. Fraxe (2000) denomina esse modo de viver caboclo de campesinato das águas – os homens anfíbios. A pesquisadora cunhou esse termo para designar o camponês que, vivendo às margens dos rios e igarapés da Amazônia, sobrevive tanto da terra quanto da água:

A especificidade e a riqueza da Região Amazônica possibilitam a tripla inserção do caboclo como agricultor, pescador e extrator. A busca de compreensão de uma singularidade do caboclo ribeirinho entrecorta todo este livro. [...] *Homens anfíbios* nos apresenta um complexo quadro da reprodução social de um grupo doméstico camponês; uma reprodução social que tem como marca uma perfeita adequação do homem com a natureza, sem que sejam eliminadas as dificuldades de sobrevivência nem a natureza do cotidiano camponês. O lavrador tem que conviver, principalmente com uma terra que fica submersa por quatro a cinco meses por ano. A reprodução de sua unidade familiar, nesse sentido, depende do rio, de uma ‘terra molhada’ (várzea), e de uma ‘terra firme’, espaços que se misturam, criando uma linha quase imaginária entre as superfícies terrestre e aquática (p. 11).

Ainda segundo Fraxe (2000), todo esse envolvimento do ribeirinho com o meio ambiente requer um equilíbrio que tem como forte componente o mundo místico do caboclo. O homem anfíbio/caboclo considera-se parte da natureza, “nem superior nem inferior às outras criaturas”. Acredita que a alma do ser humano “pode penetrar nos corpos de animais e vice-versa” e que os “espíritos dos animais podem exercer um grande controle sobre o destino dos homens” (p.12). Podemos comprovar tais afirmações pelos depoimentos colhidos na época da pesquisa:



Lá na entrada do lago, perto da ribanceira, mora uma cobra grande. É a mãe d'água, a senhora num sabe né, se ela ouvir o ronco de um motor ela engole o barco com o sujeito dentro. O sujeito que quiser ir pescar no lago, só pode ir de canoa né. Os antigos contam que já viram ela e os estrago que ela faz numa embarcação [D. Lucinda.. 45 anos, Coari - Médio Solimões/AM] (Fraxe, 2000, p.42).

Vocês sabiam que o boto gosta de aparecer quando a lua tá bem grande bem bonita como aquela, se a pessoa aparecer ele leva para a casa dele, tem que ser mulher né. Lá na escola o meu colega já viu o boto se transformando num homem, na beira do porto dele, ele colocava a cabeça e depois mergulhava, até que ele colocou a cabeça e era metade homem metade boto e foi saindo da água. Quando o meu colega e a irmã dele viram, o boto tinha se transformado em um homem vestindo uma roupa branca e um chapéu na cabeça, chamando a irmã dele – a Rosinha – para ir para um forró lá perto do remanso. O João Carlos e a Rosinha botaram pra correr e ficaram trancados dentro de casa e o homem foi andando bem devagarinho para dentro do rio (Fraxe, 2004, p. 35).

Os dois depoimentos acima são atuais, isto é são de um passado muito recente. As lendas e encantarias amazônicas são passadas de geração para geração. Os rios e as matas sempre vão suscitar o mistério. A contemplação do rio, a solidão, provocam uma sensação de devaneio, a poética do devaneio que sempre estará presente seja nos “causos” caboclos, seja na poesia amazônica. Ou melhor, na poesia universal. Onde houver uma vista de rio, lago ou oceano sempre haverá um misterioso encantamento que brota do fundo das águas.

### 3.4.3

#### A encantaria amazônica

*A paisagem composta e emoldurada por rios e florestas significa para o amazônida, não apenas o espaço de vida e trabalho num cotidiano repetitivo, mas também o elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e com o fantástico. Nessa paisagem, homens, animais, seres, rios, florestas são vistos e observados com a perspectiva de perscrutação e captação do sentido íntimo das coisas (Socorro Simões, 2001, p.3).*

Antes de enveredarmos nas encantarias amazônicas é necessário explicitarmos alguns conceitos pertinentes sobre a diferença entre mito e lenda (Houaiss, 2001):

**Mito:** (1) relato fantástico de tradição oral, ger. protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia. (2) narrativa acerca dos tempos heroicos, que ger. guarda um fundo de verdade. (3) *antropologia* relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e

explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc. (4) representação de fatos e/ou personagens históricos, freq. deformados, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas

**Lenda:** (1) m.q. *legenda* ('vida de santo'). (2) narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico, centralizado em torno de algum herói popular (revolucionário, santo, guerreiro), se amplifica e se transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular; *legenda*. (3) narrativa ou credence acerca de seres maravilhosos e encantatórios, de origem humana ou não, existente no imaginário popular, freq. explicando fenômenos da natureza.

Para Cascudo (2005, p.328), a lenda é “um episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular”. Quanto à definição de mito, o autor diz ser “um objeto ou ser fabuloso, fictício, inexistente fisicamente, em geral disforme ou monstruoso, às vezes com figura de gente ou animal, de pedra ou de planta” (p.388).

Lenda, *legenda*, *legere* tem uma característica de localização geográfica, liga-se a este local por um processo etiológico de informação. A lenda tem quatro características do conto maravilhoso: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. O processo de difusão, circulação e convergência da lenda é muito semelhante à dinâmica da literatura oral, que “são manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos” (Cascudo, 2005, p.333). Ainda, segundo o autor, a lenda é muito confundida com o mito, porém se distancia deste pela função e pelo confronto – “O mito é o duende, o objeto ao redor do qual a lenda se cria” (p.328).

Para João de Jesus Paes Loureiro (2008), um estudioso da lenda amazônica as definições de lenda e mito se entrecruzam. Neste caso, elas podem ser agrupadas, fundidas em uma única expressão, um tipo de narrativa fantástica, cujo objetivo é transmitir uma lição, um ensinamento; explicar um fenômeno ou orientar uma decisão. Um estilo de narrativa a que o autor chama de “encantaria amazônica”. “Essas encantarias são afluentes do caudaloso rio da cultura popular paraense que é o folclore caboclo” (p. 8).

As encantarias amazônicas são uma zona transcendente que existe no fundo dos rios. [...] É dessa dimensão de uma realidade mágica, que emergem para a superfície dos rios e do devaneio, os botos, as iaras, a boiuna, a mãe do rio, as entidades do fundo da água e do tempo. [...] Esses prodígios poetizam os rios, os

relatos míticos, o imaginário, a paisagem – que é a natureza convertida em cultura e sentimento (Loureiro, 2008, p.8).

O termo folclore foi cunhado por William Thoms, um antiquário inglês, em 1846. Na época, Thoms percebeu que existiam estudos sobre antiguidades e literatura que, na falta de outro termo, utilizavam o termo popular para definir sua procedência. Então, William Thoms, percebendo o interesse crescente pela arte e literatura do “povo”, sugeriu um termo novo – que abarcava esse novo interesse pelo passado, designando a nova área com uma palavra composta “*Folk-Lore* - the lore of the people” (folk – povo / lore – conhecimento ou crença tradicional) ou saber popular.

O súbito interesse europeu em suas tradições emerge com o período Romântico da literatura e sua volta às origens e valorização do nacional na cultura e nas artes. A coleta de textos orais tradicionais iniciou na Alemanha com os irmãos Grimm. Os escritores alemães e os ingleses foram os pioneiros da nova tendência, mas coube aos franceses o papel de divulgar o Romantismo (principalmente no Brasil).

O movimento romântico no Brasil (1836-1881) foi literário e também uma política de estado patrocinado pelo Segundo Império, pois havia necessidade de criar a identidade do povo com a jovem Nação<sup>49</sup>. Com este intento, todos os esforços foram direcionados para a criação do indígena brasileiro estereotipado. Um índio “herói” que habitava as páginas de romances (*O Guarani*, 1857 – José de Alencar), poemas (“Y-Juca-Pirama”, 1851 – Gonçalves Dias), de pinturas (A primeira missa no Brasil, 1861 – Victor Meirelles) e óperas (*O Guarany*, 1870 – Carlos Gomes). Tudo isso acontecia enquanto os “heróis” estavam sendo expulsos de suas terras por causa da exploração da borracha.

Enquanto o povo brasileiro conhecia, por meio das artes, um índio estereotipado, a verdadeira cultura indígena estava sendo preservada nos textos dos exploradores e cientistas estrangeiros que navegavam pela Amazônia desde o século XVI. Na época, poucos pesquisadores brasileiros se interessaram pela coleta das narrativas daqueles povos primitivos. Dentre esses brasileiros destacamos os autores abaixo que são fontes básicas para o estudo da história do folclore amazônico/paraense.

---

<sup>49</sup> Sobre o assunto: SCHWARCZ, 2007.

Couto de Magalhães escreveu *O selvagem* (1876), obra que traz um curso de gramática tupi ao lado de uma série de 23 lendas colhidas na região, transcritas no original e na tradução portuguesa.

José Veríssimo Dias de Matos, de Óbidos no Pará, teve grande importância escrevendo sobre literatura, cultura e religiosidade popular em obras como *Scenas da vida amazônica* (1886). Para ele os índios ou tapuios da Amazônia estavam em um estágio de religiosidade chamado de animismo ou fetichismo, os mitos eram vagos e provocariam medo em seu espírito infantil, esse caráter seria percebido também nas “outras gentes da Amazônia” (os caboclos) batizados na religião católica, mas que misturavam fetichismo e politeísmo.

João Barbosa Rodrigues, carioca, é autor de *Poranduba amazonense, ou kochiyima-uara poranduba* (1872-1887), um verdadeiro tratado sobre as crenças e costumes amazônicos, complementados, quatro anos depois, pelo *Vocabulario indigena com a ortographia correcta* (*Annaes da Bibliotheca Nacional*. 14(2): 1-334, 1890). Devemos enfatizar, entretanto, que sua obra mais citada é *Exploração e Estudo do Valle Amazônico* (1890), resultante das suas expedições naturalistas.

Frederico José de Santa-Anna Nery ou Barão de Santa-Anna Néry, paraense que vivia na França, escreveu *Folk-lore brésilien: poésie populaire, contes et legendes, fables et mythes, poésie, musique, danses et croyances des indiens. Accompagné de douze morceaux de musique* (Paris, 1889)<sup>50</sup>. A obra divide-se em quatro partes: a poesia popular no Brasil, contos e lendas, poesia, música e danças indígenas. Possui um anexo com partituras de canções populares (ele era músico), sendo que a maioria dos capítulos trata de elementos da cultura indígena, especialmente a segunda e a terceira parte. O Barão de Santa-Anna Néry não era apenas divulgador do folclore amazônico, também escreveu *Le pays des Amazones, L'El-dorado, les terres a caoutchouc* (Paris, 1885) que tratava da parte histórica, geográfica e econômica da região.

Com o nascimento do Modernismo brasileiro, o interesse pelo folclore da Amazônia renasce para a literatura do Brasil. Com a famosa frase “tupi or not tupi, that’s the question” (“Manifesto antropófago”, publicado em 01/05/1928.), Oswald de Andrade, escritor modernista, conclamou uma volta às origens.

---

<sup>50</sup> Foi o primeiro livro publicado na Europa e em língua estrangeira, inteiramente dedicado ao folclore brasileiro. Mas apesar do sucesso alcançado na época, essa obra não teve grande influência posterior nos círculos literários brasileiros.

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupi or not tupi, that's the question.” (“Manifesto Antropófago”).

A Antropofagia foi a expressão utilizada por Oswald para destacar a emancipação do colonialismo arcaico pela deglutição ritual do dominador europeu. O autor optou pela alegoria do canibal que devora o inimigo para assimilar suas qualidades guerreiras. A metáfora antropofágica postula a formação de uma cultura pluralista, não excludente, de todo o Brasil. O movimento, lançado no *Manifesto Antropófago*, continha elementos da filosofia marxista, da psicanálise, do surrealismo, mas não se tornou uma escola literária formal; permaneceu uma visão poética brasileira. Esse foi o movimento que resultou em obras como: *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Cobra Norato*, de Raul Bopp e *Serafim Ponte Grande*, do próprio Oswald.

A linha do folclore foi mais estudada e divulgada por Mário de Andrade, profundo estudioso das manifestações culturais, especialmente do Norte e Nordeste brasileiros. Mário inaugurou sua pesquisa etnográfica brasileira com uma viagem à Amazônia, de onde trouxe farto material escrito e fotográfico. Anotações telegráficas, cheias bom humor e poesia, que resultaram no livro *O turista aprendiz*, publicado postumamente em 2002. As fotos do folclore nortista, que estão no livro *Brazil*<sup>51</sup> (Bishop, 1962, p.62-63) editado pela Time-Life, fazem parte do acervo do Museu do Folclore, cujo primeiro diretor foi o próprio Mário de Andrade.

Hoje, chamamos ao conjunto de lendas amazônicas de encantaria. Esse conjunto está dividido em várias categorias. Essa divisão foi estabelecida pelo folclorista, linguista e professor José Coutinho de Oliveira (2008), primeiro diretor da Comissão Paraense do Folclore em 1916 e autor de dois livros: *Lendas amazônicas* (1916) e *Folclore amazônico* (1951).

1. Lendas cosmogônicas: “Como se fez a noite”, “O homem aprendeu com os bichos”, “Iaci” (lua), “Lenda da Chuva”, entre outras.

---

<sup>51</sup> É possível que Bishop tenha seguido sugestões de Lota Soares neste quesito. Lota era amiga de Mário de Andrade, tendo inclusive mediado um curso de história da arte ministrado pelo autor, no Rio de Janeiro, no início da década de 40. Elizabeth Bishop não chegou a conhecer o autor pessoalmente, porque Mário faleceu em 1945.

2. Lendas heroicas: “As amazonas”, “As icamiabas”, “Macunaíma”, “O muiiraquitã”, “O ajuricaba”, “Pai-tuna”, entre outras.
3. Lendas etiológicas: “Lenda do jabuti”, “Lenda do bicho folharal”, “Lenda da mandioca”, “Lenda do guaraná” e “Lenda do Tamba-tajá”.
4. Lendas de encantamento: lendas de assombração, mundiado (assombrado), ou, simplesmente, encantado – “O velho da praia”, “A princesa do lago”, “A cidade encantada”, “O navio fantasma”, entre outras. Essa categoria foi a que mais recebeu a influência europeia.
5. Lendas ornitológicas (lendas dos pássaros): “Japim”, “Uirapuru”, “Tanguru-Pará”, “Jurutai”, “Uacauã”, “Urubu-rei”, entre outras.
6. Lendas mitológicas, que se dividem em:
  - a. Ciclo da boiuna: Cobra Grande, Cobra Norato.
  - b. Ciclo do Boto
  - c. Ciclo do Curupira
  - d. Ciclo do Mati-taperê ou Matinta-pereira.

Poderíamos discorrer sobre as encantarias mais detalhadamente, porém, não sendo este o objetivo principal da pesquisa, optamos por enumerar as categorias e alguns exemplos. Dessa forma, o leitor poderá localizá-las mais facilmente<sup>52</sup>.

As duas lendas que fazem parte do corpo desta pesquisa são a do Boto e a da Cobra Grande, as quais serão comentadas quando formos discutir o poema “The riverman”/”O ribeirinho” de Elizabeth Bishop.

---

<sup>52</sup> Recomendamos também a leitura: BRASIL, Altino Berthier (1999); CASCUDO, Luís da Câmara (2005); MELLO, Thiago (2003); OLIVEIRA, José Coutinho de (2008); ROQUE, Carlos (1971).